

## Aeroplanos: método-artifício em processos utópicos

Gê Orthof \*

Universidade de Brasília

### Resumo

*Ambos mundos* é um relato de imaginação poética, que tem início em uma viagem à Cuba e o encontro com o homônimo hotel. À partir da leitura do livro *A invenção de Morel* de Adolfo Bioy Casares, em uma praia deserta, o processo de ideação em artifício é posteriormente encarnado na elaboração de uma instalação, acompanhado da reflexão sobre os processos de criação em artes, seus múltiplos desvios e a potência dos processos utópicos enquanto uma possível ponte nessa tênue linha de horizonte entre o lá e o cá.

### Palavras chaves

“método em arte”; “instalação”; “literatura”; “Cuba”; “viagem”; “imaginação poética”.

### Abstract

*Ambos mundos* is a poetic imagination report that begins with a trip to Cuba and the meeting with the homonym hotel. Starting with the reading of Adolfo Bioy Casares' book *A invenção de Morel* on a deserted beach, the artificial ideation process method is posteriorly incarnated with the planning of an art installation and a reflection on the processes of creation in arts, its multiple deviations and the power of utopian process as a possible bridge upon that thin line on the horizon between there and here.

### Keywords

“method in art”; “installation”; “literature”; “Cuba”; “travel”; “poetic imagination”

---

\* Artista plástico e professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atuando na graduação e pós-graduação na linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas. Doutor em Artes pela Columbia University in the City of New York. Email: georthof@gmail.com

## Aterrissagem: Ambos mundos



1.

Os Daiquiris na corrente sanguínea do Sr. Ernest Hemingway, fazem os 30 minutos do percurso de seu canto de bar predileto no *El Floridita* até a sua modesta cama de solteiro no quarto 511 do hotel Ambos Mundos, um caminho em destilação. Que esquina, entre Luxemburgo e Bergman, é essa? Vértice entre dois tons de rosa engatilhados. Estou (realmente) aqui? *La vie en rose*, *Mon coeur qui bat*, sonho antigo, com cheiro de quinze anos, Violeta Parra na vitrola “...perfecto distingo lo negro del blanco, y en el alto cielo su fondo estrelado...”. Sinto sua presença esfumaçada, Cienfuegos, tudo é mistério sob o seu céu estrelado, mar de bravias histórias.

Em 1959 nascia aqui uma revolução. Nesse mesmo ano aportava também eu neste mundo. Lugar de potência entre norte e sul, tempos engatilhados, *back to the future*: 21 de Outubro de 2015, 4:29 PM (*Pacific Time*) no aqui e agora que se esvai o tempo se bifurca infinitamente em sua aérea malha. Frágeis narrativas se tramam em cada esquina. Nada foi confirmado, os livros continuam sobrevoando em densos planos. Encontro cinco pavões que saltam e dão rasantes sobre minha cabeça. Nem

sabia que pavões voavam, bicho tão terra, plúmea palmeira. Realismo mágico?  
Daiquiri? A noite cai, visão em *sfumato*, como a memória, diluída em cera de abelha,  
zumbido no ouvido, sorriso monolítico, penso em Monalisa e Kubrick.

Evaporar através da fumaça. O calor da noite promove estranhos encontros na  
tênue iluminação da ilha.

No guardanapo amarelado escrevo:

ambos mundos

instável linha

em horizonte

lá, atóis

em miragem

cá, cegos

nós

fina é a linha

que separa

ou ampara

hostilidade

hospitalidade

ilha somos

sós

Agora estou aqui, desejo voltar para a ilha que lá, já não está. Crio uma outra ilha dentro da Galeria da FAV -Universidade Federal de Goiás. Aqui é seco, aqui as paredes não são rosas, aqui não existem pavões [foram substituídos por dezenas de macacos]. Aqui não é mais 1959, aqui é 2013. Aqui existe uma aparente calma, “Por que as súbitas mortes acontecidas em dias profundos, de sol, te impressionam e te comovem?” sussurra Mário Peixoto, *fantasmato* de Edson Sousa. Em diálogo limite, pura imaginação em retardo, suspense, respondo: - Porque descobri, apenas recentemente, que a distração é a minha maior qualidade, ela me afasta do burburinho e me conecta com o ínfimo detalhe, com a essência. Amador hipnotizado não percebi o real perigo, esse outro mar desconhecido, escamoteado em pura espuma que, em turbilhão, pôs tudo a perder. Fiquei sem guardanapo, sem câmera, sem vitrola.

“... a fotografia

é um tempo morto

fictício retorno à simetria...” continua Edson na minha cabeça, citando Ana Cristina Cesar e emendando em Peixoto, novamente:

em seu *Poemas de Permeio com o Mar*

“Digo-te;

pelo que sobrar de tudo

sentado já estamos nós

nessa praia

sumida

Ambos

de surpresa tragados  
na intempérie  
e na indumentária  
das palavras  
pronunciadas  
confiantes ...”

Tudo isso me antecede, antes de eu formular qualquer movimento de abertura no tabuleiro da galeria. Possuo algumas peças, um vago desejo e nenhuma estratégia convincente. Na ausência de um plano melhor, me lanço em vertigem, busco um método mole, um método-não, uma medida confortável para as mãos ligeiras.

Método (não):

magnetização construtiva instável acionada por ideias levemente distraídas e dimensões confortáveis.

1. relações abstratas

substância (não), diferença (in), estado (circunstância), grandeza (pouquidão), excesso (singeleza), foco (dispersão)

mas principalmente *distração*, como uma possibilidade de aferir vulnerabilidades, como dispositivo para alcançar a essência, ainda que em seu estado utópico de miragem fundante.

2. processo:

negligência, incerteza, erro, esquecimento, surpresa

mas principalmente *fraude*, como suspensão moral da empáfia da ciência.

3. meios:

registro, arremedo, escuta em silêncio

mas principalmente *taciturnidade* como instrumento de evitar (para sempre) ataques de tagarelice.

4. desejos:

[individuais]

capricho, rejeição, ausência de motivo, floreio ocasional

[com referência à sociedade]

tiranía, anarquia, abandono, permuta sovina

5. afeições:

religiosas (não)

morais (não)

personais (coragem e fanfarra)

altruístas (não)

sociais (carícias)

contemplativas (sim)

6. base epistemológica:

“... A casa, então, não é o lar

mas a distância entre  
bem-aventurado  
e mal-aventurado...”

“Pois esta é a função da história: fazer um homem ver a coisa diante dos olhos,  
enquanto mostra a ele uma outra coisa.”

Auster

“...No limite: a felicidade não existe. É necessário, portanto, inventá-la.”

Sponville

“...Mas eis que a terça metade,  
aquela que é menos dose  
de matemática verdade  
do que soco, tiro ou coice,  
vai e vem como coisa  
de ou, de nem, ou de quase...”

Leminski

“Que se sustente, meu deus... Uma coisinha de nada, mas com estilo.”

Ponge

“Onde nasceste, morte?”

## Hilst

### 7. Principais resultados obtidos:

I

Terreno livre: mudar a roupa do mundo, sempre em balanço de lá para cá. O chão é movediço, os tapetes, voadores, e nós, mesmo sem sair, já não estamos mais aqui. Resta a pergunta inicial do Sr. S.: para onde vai o branco da neve que derrete? o branco está na neve, mas não lhe pertence, por isso ele não a segue, ele fica. Essa é a cisão original de ambos mundos, ou seja, o sentido admirável de toda poética patafísica reside em religar o branco à neve. A escolha resume-se, portanto, a algo ou nada... *Es geht also um die Alternative: etwas oder nichts*. A única possibilidade de êxito (*and exit*) da diáspora seria um verbo de ligação, amálgama de mundos.

“A mudança, entretanto, era bem maior: Clémence não só tirava a roupa do dia-a-dia para enrolar-se em tecidos luxuosos que lhe davam ares de rainha indiana, mas também trocava a alma de mãe de família pela de uma criatura fantasmagórica, dotada de poderes excepcionais.”

A.N. 2002

II

A realização de mapas magnéticos em todos os pontos de ambos mundos (aferidos o campo magnético-*h*, a declinação-*d* e a inclinação-*i*.) Os valores encontrados são memorizados e, prontamente esquecidos. Posteriormente é traçada uma linha pelos pontos onde a declinação tem o mesmo valor; outra por aqueles em que a inclinação tem o mesmo valor etc. Outro aspecto fundamental a ser observado é a influência da



variação da temperatura sobre as propriedades magnéticas das substâncias ferromagnéticas. Observou-se que, aumentando a temperatura, as propriedades magnéticas diminuem. Para cada substância ferromagnética existe uma temperatura na qual ela se desmanta por completo. Essa temperatura é chamada *ponto curie*:

para o ferro 770oC

para o níquel 354oC

para a magnética 580oC

para o cobalto 1130oC

### III

Ressaltamos, no presente estudo, que o primeiro registro de uso de bússola marítima encontra-se num relatório chinês de 1115 d.C. Marco histórico, que determina tanto o fim da liberdade imaginativa, quanto a volubilidade transgressora de ir e vir. Um mundo de controle e submissão é paradoxalmente instaurado pela bússola chinesa, ao delinear a primeira cartografia de exclusão: x por y, ou isto ou aquilo. Vislumbramos nosso *a-método de distração*, como uma possibilidade de aferir vulnerabilidades e, ao mesmo tempo, escapar ao controle da cadeia funcional-produtiva.

*Feci quod potui, faciant meliora potentes...*



2

### Créditos das Imagens

1. *Ambos mundos*, instalação, dimensões confortáveis e variáveis, Galeria da FAV/UFG, Goiânia, 10 de Junho a 5 de Julho de 2013, foto © Helô Sanvoy.

2. *Ambos mundos* (detalhe), instalação, dimensões confortáveis e variáveis, Paço Imperial - Rio de Janeiro, Bienal Tridimensional Internacional do Rio – TRIO, 5 de Setembro a 26 de Novembro de 2015, foto © Wilton Montenegro

*Artigo recebido em setembro de 2015. Aprovado em dezembro de 2015*